

,ovo

Luciana Martins
Gerson de Oliveira

Adélia Borges

Desde que surgiram, há 21 anos, Luciana Martins e Gerson de Oliveira fazem um trabalho situado no limite entre o *design* e a arte. Sem medo de experimentar e de abrir caminhos, primam por uma criação inteligente. Seus objetos têm o poder de conciliar a concisão com a capacidade de surpreender.

Uma cadeira que se esconde num cubo preto e se revela apenas ao receber o corpo do usuário; bolas de sinuca que são deslocadas de sua função para servirem de cabides; planos que desenham percursos múltiplos: são vários os exemplos de uma produção que instiga e confunde a nossa percepção, fazendo com que o nosso relacionamento com os objetos não seja de consumo (uso imediato e tantas vezes alienado), mas de fruição (que não se estanca no primeiro contato mas, antes, vai trazendo novas nuances à medida em que o tempo passa).

É nessa capacidade de oferecer mais do que a função, de brincar com a nossa percepção e nos fazer pensar, de mexer com nossos parâmetros que, a meu ver, reside a pulsão artística do trabalho da *Ovo*, tornando seus objetos e móveis algo para usar, mas também para ver e para colecionar. Para guardar – naquele sentido original do verbo, de preservar, manter, conservar.

Por mais instigantes que sejam à primeira vista, as peças se revelam, no uso, perfeitamente funcionais – e esse acaba sendo mais um elemento da surpresa; uma confirmação de que não abrem mão de ser *design*. Elas em geral são mutantes. Permitem diferentes composições, configurações e disposições, para desejos e necessidades que variam

ao longo do dia ou da vida. Em muitas, assiste-se ao desdobramento da forma e/ou da função. Podem estar no chão e subir pelas paredes, e daí voltarem novamente ao chão, ganhando novas utilidades em cada fase do percurso.

Cabideiros, prateleiras, bancos, mesas, cadeiras e sofás intercambiam suas funções. São objetos híbridos, dinâmicos, flexíveis, que rompem as fronteiras das classificações. A liberdade se manifesta também na escolha dos materiais. Eles passeiam à vontade entre os metais (aço inox, alumínio, ferro...), as madeiras (maciça, laminada, mdf), os tecidos, os vidros e os acrílicos. E, se não abusam das cores, também não se furtam a elas.

Sem cair na assepsia do modernismo tal como foi lido por tantos, como um grilhão a impedir voos e poesia, os móveis e objetos desenvolvidos por Luciana Martins e Gerson de Oliveira têm clareza de pensamento e de construção; buscam a forma justa, sintética e depurada da criação divina que escolheram para dar nome a seu estúdio, como uma profissão de fé: ovo. Como haikais concisos e surpreendentes, comunicam a contemporaneidade e, simultaneamente, parecem-me predestinados a transcender o tempo em que foram feitos.

Adélia Borges é crítica, historiadora de *design* e curadora. É autora de *Design + Artesanato: O Caminho Brasileiro*, de 2011; e *Designer não é Personal Trainer*, de 2002, entre outros livros. Foi diretora do Museu da Casa Brasileira (2003 a 2007) e curadora-geral da Bienal Brasileira de *Design* (2010). É professora de história do *design* na Faap e jornalista colaboradora de várias publicações.

Since they first appeared, 21 years ago, Luciana Martins and Gerson de Oliveira create works situated in the boundaries between design and art. Fearless to experiment and to open new paths, their aim is to make intelligent creations. Their objects are capable of conciliating concision with ability to surprise.

A chair hidden under a black cube is revealed only when it receives the user's body; billiard balls are dislocated from their function in order to function as wall hangers; planes creating multiple paths: there are many examples within their production, instigating and confusing our perception, making our relationship with objects as not one of consumption (immediate use, so often alienated) but of fruition (which is not halted after the first contact but that, actually, presents new nuances as time goes by).

It is in this ability of offering more than its function, of playing with our perception and forcing us to think, of disturbing our parameters, where, to me, resides the artistic pulse of Ovo's work, turning their objects and pieces of furniture in things to be used, but also to be seen and collected. To be kept – in that original sense of this verb; to preserve, to maintain, to conserve.

As instigating as they are on first sight, these pieces reveal themselves, through their use, as perfectly functional – and this is in the end another element of surprise; a confirmation that they do not forsake the fact of being design pieces. They are often mutant. They allow different compositions, configurations and dispositions, according to wishes and needs that change throughout the day or throughout life. In many of them, we see the unfolding of form and/or function. They might

be on the floor or they might climb up the walls, and then go back to the ground again, acquiring new uses at each phase of their path.

Hangers, shelves, benches, tables, chairs and couches interchange their functions. They are hybrid, dynamic, flexible objects breaking the boundaries of classification. Freedom is also manifested in choices of materials. They stroll freely among metals (stainless steel, aluminum, iron...), woods (hardwood, laminated, mdf), fabrics, glasses, and acrylics. And, if they do not overuse colors, they do not leave them aside either.

Without resorting to Modernism's asepsis, as so many have understood it, as a kind of ball and chain preventing flights and poetics, the pieces of furniture and objects developed by Luciana Martins and Gerson de Oliveira are clear in their thinking and in their construction; they search the right, synthetic and pure divine form they chose to name their studio, as profession of faith: Ovo, [which translates as "egg" in Portuguese]. Just like concise amazing haikus, they communicate contemporaneity and at the same time seem predestined to transcend the time when they were made.

Adélia Borges is a critic, design historian and curator. She wrote *Design + Craft: The Brazilian Path*, 2011; and *Designer não é Personal Trainer* (A Designer is not a Personal Trainer), 2002, among other books. She directed Museu da Casa Brasileira (2003-2007) and worked as general curator of the Bienal Brasileira de Design (2010). She is a professor of design history at Faap and collaborates with many different publications as writer.





Tobogā
2.88







A principal característica das cadeiras e poltronas da linha *Tobogã* é a concisão do traço. A concha e o estofamento encaixam-se na estrutura metálica por um detalhado sistema de usinagem que confere à peça a leveza que buscamos. Queríamos que as peças se aproximassem do desenho em um único gesto, aparentemente fácil, sem esforço.

The main character of the chairs in the *Tobogã* line is concision of outlines. The shell and upholstery fit onto the metallic structure through a detailed fabrication system that confers to the pieces the kind of lightness we seek. We wanted these pieces to be close to their design in one single, apparently easy, effortless gesture.







Tobogã
Clara
RGB





A Terceira Margem Do Rio. A Terceira Geração. É a nossa terceira cadeira. Tem relação com o mobiliário do modernismo brasileiro. No entanto, nesta peça, encosto e assento são formados por uma única tela, trazendo a sensação de movimento e remetendo à imagem de um bumerangue.

Essa peça recebeu o 2º lugar no *Prêmio Design Museu da Casa Brasileira* em 2005.

The Third Bank of the River. The Third Generation. This is our third chair. It is related to Brazilian Modernist furniture. However, in this piece, back and seat are formed by one sole sheet, calling forth a sensation of movement and alluding to a boomerang image.

This piece was awarded the second place at the *Prêmio Design Museu da Casa Brasileira* in 2005.





















